

Michel Serres - *Hermetismo*

por

Jean-Clet Martin. Em *100 mots pour 100 philosophes* (436-441)

A vida de Michel Serres é a de um marinheiro, nascido numa família de pescadores, tendo passado a infância a contemplar as turbulências de um oceano em que, por trás das embarcações, se apagam, muito rapidamente, os traços e as referências. Deixará a Escola Naval para se ocupar de matemática, de extensões e de topologias tão variáveis quanto a da água e seus rodamosinhos. No universo dos fluidos, as coisas se misturam e se distribuem sem seguir as ordens fixas da terra firme. A história humana com suas correntes de pensamento, suas circulações de ideias e de bens, segue, sem dúvida, as mesmas ressacas que uma garrafa lançada ao mar. *Sobre a origem da geometria* nos conta como os espaços líquidos se imbricam e conectam fibras, no seio de um tempo anacrônico, de modo que um ramo da matemática mais contemporânea se aproximará repentinamente de natureza que acreditávamos defunta. Movimento de vai e vem que conjuga, inesperadamente, as teorias atuais do caos ou da complexidade com as de um **Lucrecio** ou de um **Leibniz** tornados intempestivos.

O tempo de uma civilização funciona por curto-circuitos mais do que por cronologia. Existem pontos de passagem, relações súbitas que não se realizam, de modo nenhum, por sucessão ou filiação. Seria, inclusive, vão imaginar o passado como uma figura ultrapassada. Fazê-lo é adotar uma ilusão progressista que Michel Serres já denuncia num livro chamado *Interferência* onde aprendemos que, longe de estar fora de uso, a física de Lucrecio funda uma ciência dos fluidos, das turbulências, sem dúvida mais edificante do que a imagem atomista que dele guardamos. Por erro, o presente nos aparece naturalmente como uma linha de vanguarda que deixaria atrás dela dela uma pilha de erros, como se nos encontrássemos sempre na ponta de um avanço condenando o passado ao registro das antiguidades. Na verdade, o passado se inscreve sob os auspícios do deus Hermes, protetor dos viajantes, dos mercadores e dos ladrões. É, sob esse deus, que o registro das trocas, da ventilação será visitado. Uma divindade impenetrável e misteriosa que exige sem descanso que nos tornemos sensíveis às mensagens esquecidas, aos tesouros roubados, recobertos pelo ruído dos furores, se não pelo barulho da mais frenética atualidade. Seu hermetismo pode, então, atravessar de um tempo a outro deixando ver, sob um novo aspecto, todos os resíduos de uma história de interferências e de comunicações sempre reativadas no espaço contemporâneo, composto de imbricações fragmentárias saídas de tempos muito distantes. Um jogo de

reaparições inovadoras que, volta e meia, acompanha o retorno dos horrores e dos comportamentos mais arcaicos, exigindo, por isso mesmo, uma moral bem mais flexível do que a do formalismo kantiano.

As ideias do passado que nos parecem esquecidas, obsoletas, se põem, às vezes, em uma vizinhança próxima, de modo que, sob o bastão deste hermetismo que os desloca e os relança, o contemporâneo não é mais esperado ali onde tínhamos o hábito de colocá-lo. As mônadas de Leibniz talvez estejam mais próximas de nós, hoje, do que o atomismo de Perrin. Colocarmo-nos no cume da história, remete a um umbiguismo tão ingênuo quanto a crença que situaria a Terra no centro do universo. A ideia de um tempo linear, se sucedendo ao longo de um fio crescente chamado de progresso é uma ideia extremamente nefasta. Ela nos desvia das descobertas engenhosas do passado, a serem interpretadas sem que o presente, com seu modernismo ilusório, deixe oculto os riscos desta repetição. Não somente o presente não é o cume do cumprimento das verdades, como frequentemente ele serve de obstáculo a uma reemergência de certas ideias, julgadas, inicialmente, grosseiras.

Para Michel Serres, o tempo não poderia traçar uma linha que separasse um ponto de partida de seu ponto de chegada como duas extremidades opostas. Na realidade, os dois pontos evocados têm a possibilidade de estarem infinitamente mais próximos do que supomos. Entendemos, assim, tabuletas cuneiformes muito antigas cujos cálculos sexagesimais se parecem com os algoritmos de nossos computadores! Duas formas de classificação singulares que entram numa vizinhança comum, mesmo se a distância temporal nos pareça insuperável. É a experiência não de uma linha traçada com continuidade, mas de uma contemporaneidade, de uma conspiração, de uma telescopagem de duas camadas temporalmente muito distantes. O tempo que Michel Serres nos ensina de novo se parece com um tempo marítimo que se torce, faz dobras, como uma onda recaindo sobre si mesma segundo um impulso edificante.

A história é, sem dúvida, comparável a um rio, com a condição de compreender que rio não corre da nascente para a foz, que ele possui redes finas localizadas na contra corrente, capazes de retornar até bem longe. Um tempo feito de velocidades variáveis e de ritmos que não tomam o mesmo sentido, de modo que suas bifurcações desenharão incansáveis rodamos e turbulências por meio das quais o passado remonta repentinamente e nunca será definitivamente abolido, mas, ao contrário, será reencaminhado como essas grandes redes de pesca que retornam subitamente e tomam um caminho incerto. *Hermes* seria, assim, a figura do Deus voltado para trás que Michel Serres toma como emblema e, sob a conduta do qual, os acontecimentos da história

podem ser relidos de múltiplas maneiras, policrônicos, desdobrados diferentemente, tigrados pelas ondulações de um mar furioso.

O mar, sob a pluma de Michel Serres, aparece, então, como uma superfície infinitamente dobrada e redobrada pelas ondas que redistribuem incansavelmente o próximo e o distante. Dois objetos, sobre o oceano, poderão se afastar e se juntar, bem mais tarde, a milhões de quilômetros da bifurcação que os tinha separado. A superfície marinha constitui o modelo de movimentação próximo ao do padeiro que não para de bater na massa, de redobrá-la, de maneira que dois pontos vizinhos se afastam um do outro, mas podem ainda se superpor e se aproximar seguindo uma disposição inesperada. O que fará Michel Serres dizer que há ondulações de tempo, que o tempo é amarrotado, plissado. O lenço no bolso pode, por suas dobras, aproximar desenhos que pareciam incomunicáveis, cada um tomado sobre uma borda extrema do tecido. Nada nos impede de pensar que o universo físico se distribui segundo um modelo comparável a este. Também o espaço da relação, da interferência é mais importante do que os termos que serão associados. É o espaço que faz a distância e não as posições dos termos. Num labirinto, dois pontos que podem parecer afastados pela confusão de corredores infinitos serão, talvez, extremamente aproximados por quem utilizar uma outra passagem. A distância é questão de comunicação, depende do espaço que consideramos, da variedade de caminhos possíveis.

O tempo que habitualmente contamos vai de um termo a outro sem levar em conta a maneira que estes termos podem se comunicar entre eles, pontos de passagem de que os acontecimentos tiram partido. O tempo habitual imita a sequência dos números naturais cuja sucessão é claramente regrada, mas existem séries de números bem mais complexas, com números muito distantes do ponto de vista da sucessão natural. Mas numa outra ordem de distribuição, eles de repente se aproximam, do mesmo modo que o cadáver de um alpinista, ainda jovem, que o gelo traria de volta bem mais tarde, perfeitamente intacto, velado por seus filhos octagenários... Por que a história não obedeceria a este princípio de circulação dos acontecimentos nos deixando imaginar entre eles outras ramificações e outros encadeamentos? Assim se define o perfil de uma história cada vez mais labiríntica sob as sobranceiras emaranhadas de Michel Serres, navegador de um tempo oceânico de quem essas *100 palavras para 100 filósofos* talvez se aproximem a este respeito...

HERMETISMO